

●
PARTE 5
Euclides morto

O
caso



45 anos depois
Kliemann

Um assassinato transmitido ao vivo

A morte de Euclides, baleado no estúdio com a rádio no ar

Por Ricardo Düren
ricardo@gazetasul.com.br



Euclides Kliemann

O inverno de 1963 já ensaiava uma despedida naquele último dia de agosto. Na colônia que rodeia Santa Cruz do Sul, mudas de fumo recém-transplantadas começavam a se desenvolver nas lavouras. Dezenas de famílias rurais de Linha Santa Cruz, Boa Vista e Monte Alverne mantêm os rádios ligados, mesmo após o encerramento do discurso do deputado estadual Euclides Nicolau Kliemann (PSD), sempre muito votado naquelas comunidades. Os ouvintes não têm idéia do que está para acontecer.

A quilômetros dali, nos estúdios onde ocorria a transmissão, o homem que ocupa o microfone abandona o discurso ao mesmo tempo em que saca um revólver Smith & Wesson do bolso interno do paletó. O movimento do dedo indicador pressionando o gatilho é seguido por um estampido que ecoa forte na Rádio Santa Cruz. O projétil calibre 38 sai do cano oxidado da arma a uma velocidade superior a 20 mil centímetros por segundo, mas nem completa quatro metros antes de se alojar no peito de Euclides Kliemann, que acabara de ingressar no recinto. O impacto do tiro faz o deputado girar nos calcanhares e cair de costas sobre o piso da emissora.

Aquele foi o primeiro tiro que Floriano Peixoto Karan Menezes deu em seus 35 anos de vida – cogita-se que também tenha sido o último. Sem experiência prática com armas, usando um revólver emprestado e disparando quase ao mesmo tempo em que se levantava de uma cadeira, o vereador acabou atingindo o deputado no coração. Antes, a bala atravessou a mão esquerda que Kliemann levantava em sinal de “basta”, bem diante do seu peito.

Vereador pelo PTB, Menezes estava em seu primeiro mandato e era mais conhecido como Marechal. O imponente apelido surgiu de

uma alusão ao histórico xará, o marechal Floriano Peixoto, segundo presidente do Brasil, cujo nome identifica a principal rua de Santa Cruz do Sul. Formado técnico contador pelo Liceu São Luís, Menezes teve até uma passagem pelo Esporte Clube Avenida, onde jogou como lateral-direito em 1946.

Também conhecido entre os íntimos como Florianinho, Marechal entrou para a política seguindo os passos do pai, Floriano Peixoto de Azevedo Menezes, eleito vereador após cerca de 20 anos como funcionário público municipal. Casado com a rio-pardense descendente de libaneses Iracema Karan, Floriano “pai” já era diretor do Expediente da Prefeitura no fim da década de 30 e, anos depois, trabalhou até com o prefeito Alfredo Kliemann – o segundo mais velho dentre os irmãos de Euclides.

Ao se aposentar, em 1956, na época do prefeito Arthur Walter Kaempff, Floriano de Azevedo havia sido recém-eleito vereador pelo PL. Funcionário público concursado, Marechal assumiu a vaga deixada pelo pai na Prefeitura. Três anos depois foi a vez de ele concorrer à Câmara, pelo PTB, sendo eleito primeiro suplente, com 521 votos.

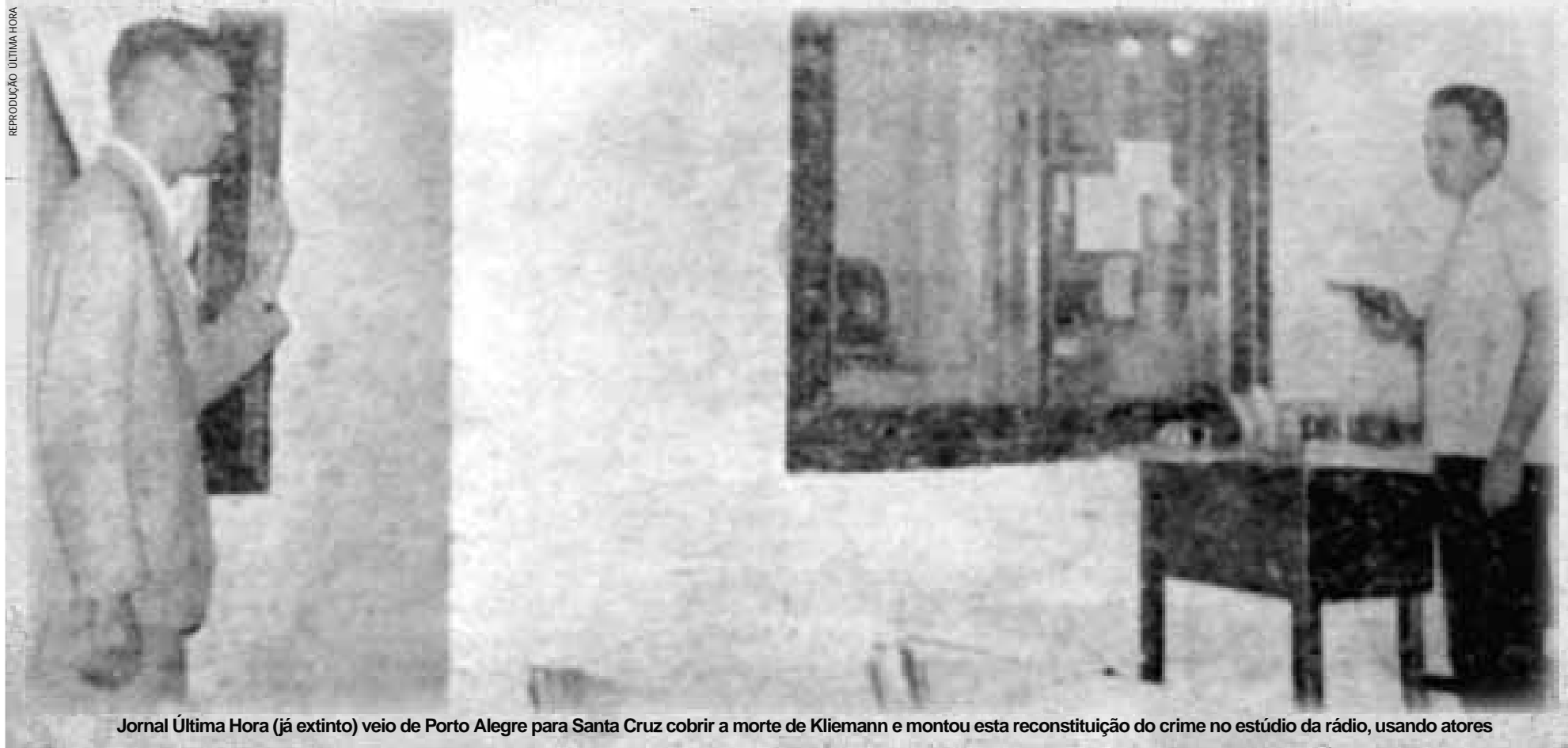
Marechal foi empossado como titular em julho de 61, com a morte de Kaempff, então vereador petebista. Ele abandonou a função na administração municipal em 1963, quando Edmundo Hoppe era

o prefeito. Em abril daquele ano, quase cinco meses antes da morte de Kliemann, Florianinho tornou-se gerente da Caixa Econômica Federal. Na época o cargo era político e o governo federal estava nas mãos do PTB, de João Goulart. Quando apertou o gatilho contra o deputado, Marechal já era casado com a professora estadual Ana Gentil Neto e tinha cinco filhos, dois pequenos e os outros já na escola. A família morava na Rua Tenente Coronel Brito, na quadra situada entre as ruas Fernando Abott e Senador Pinheiro Machado.



Floriano Menezes

REPRODUÇÃO ÚLTIMA HORA



Jornal Última Hora (já extinto) veio de Porto Alegre para Santa Cruz cobrir a morte de Kliemann e montou esta reconstituição do crime no estúdio da rádio, usando atores

Naquele início de tarde de 31 de agosto de 1963, Floriano Karan estava nos estúdios da Rádio Santa Cruz para rebater declarações de Kliemann. Dias antes fora combinado um debate entre o deputado e vereadores, mas apenas Marechal confirmou presença. Argumentando que não debateria com um único vereador, Euclides reservou com a direção da rádio um horário para falar sozinho. Floriano solicitou o espaço seguinte.

O assunto que nortearia o debate cancelado era uma verba estadual de Cr\$ 50 milhões que Kliemann havia obtido para a pavimentação da estrada da então localidade de Arroio Grande – hoje, Avenida Euclides Kliemann. A liberação ocorreria mediante convênio do município com a Secretaria Estadual dos Transportes, mas o acordo foi rejeitado pela Câmara, que não teve acesso ao teor do documento. Descontente com a derrota, Euclides criticou os vereadores na rádio, no que seria rebatido, a seguir, por Marechal.

O ex-prefeito e ex-deputado Arno Frantz, na época gerente da Caixa Econômica Estadual e vereador, lembra que a verba fora tema de várias discussões. “A questão havia gerado muita polêmica”, recorda. Uma ou duas horas antes do crime, Frantz encontrou-se com o amigo Kliemann no Quiosque e então recebeu o convite para acompanhá-lo até a emissora e ouvir seu discurso.

Quando o locutor Valtair dos Santos, então com 19 anos, chega na rádio, Kliemann já está ao microfone e o vereador aguarda sua vez de falar. O jovem radialista logo percebe um certo nervosismo em Marechal, a quem considera um amigo bastante brincalhão. Ao cumprimentá-lo, recebe como resposta apenas um enigmático meio-sorriso. No momento em que vai iniciar seu discurso, Floriano solicita um novo copo de água. Valtair argumenta que Kliemann não havia tocado no copo deixado sobre a mesa, mas o amigo responde que jamais tomará da água antes destinada a Euclides.

Diante do áspero discurso do vereador ao microfone – tachando de covarde a opção de Kliemann em não mais debater – Euclides vai até a sala da direção da rádio e passa a datilografar uma nota de resposta. Mas uma declaração de

Florianinho faz o parlamentar correr ao estúdio. Arno Frantz lembra em parte o teor: “O Marechal disse que, se Euclides queria criticar os outros, devia antes explicar ao povo as circunstâncias da morte da esposa”, conta.

Mas os jornais da época mostram que as palavras de Floriano foram até mais contundentes. Marechal questiona as críticas do deputado aos vereadores e complementa: “E ainda mais partindo esta acusação baixa de um elemento que é ou foi – e os jornais estão aí para dizer – suspeito... suspeito... no caso havido com sua esposa”.

Margit Kliemann, mulher de Euclides, havia sido assassinada em 20 de junho de 1962 em Porto Alegre. Ela foi encontrada sem vida ao pé da escada interna da residência da família na Capital, no Bairro Moinhos de Vento. Conforme a perícia, recebera vários golpes no rosto. O esposo, que teria encontrado o corpo, foi apontado pela polícia e por jornais da capital como provável suspeito. O caso nunca foi elucidado.

Kliemann ouve a afirmação de Karan Menezes e atravessa a emissora com tanta agilidade que o locutor Valtair não consegue segurá-lo. Ao ingressar no auditório com a mão diante do peito, como que fazendo um sinal de pare, o deputado fala suas últimas palavras: “Essa não!”. Logo a seguir, centenas de ouvintes escutam pelo rádio o som do estampido e a transmissão cai. Alguém na rádio grita: “O que tu fez, Marechal?”

Sentado atrás do vidro à prova de som, o operador técnico e aspirante a locutor Flávio Marcos Winck da Silva fica petrificado diante da cena. “Tudo ocorreu muito rápido e, na hora, ficamos sem saber o que fazer”, relembra Flávio, hoje capitão da reserva do Exército e morador de Natal (RN).

Na fuga, Florianinho ainda teria feito ameaças. “Ele disse que, se havia matado um, podia matar mais dez”, conta Valtair. O vereador embarca no carro do amigo Pedro Jochims, que também está na emissora, e desaparece. Frantz e os outros ainda tentam socorrer Kliemann, levando-o, provavelmente já morto, ao Hospital Santa Cruz.

Em instantes, partidários de Floriano, munidos de revólveres e espingardas, começam a invadir a rádio. Eles tinham entendido que Kliemann havia baleado Marechal. Informados de que ocorrera o contrário, tratam de logo sair da emissora.

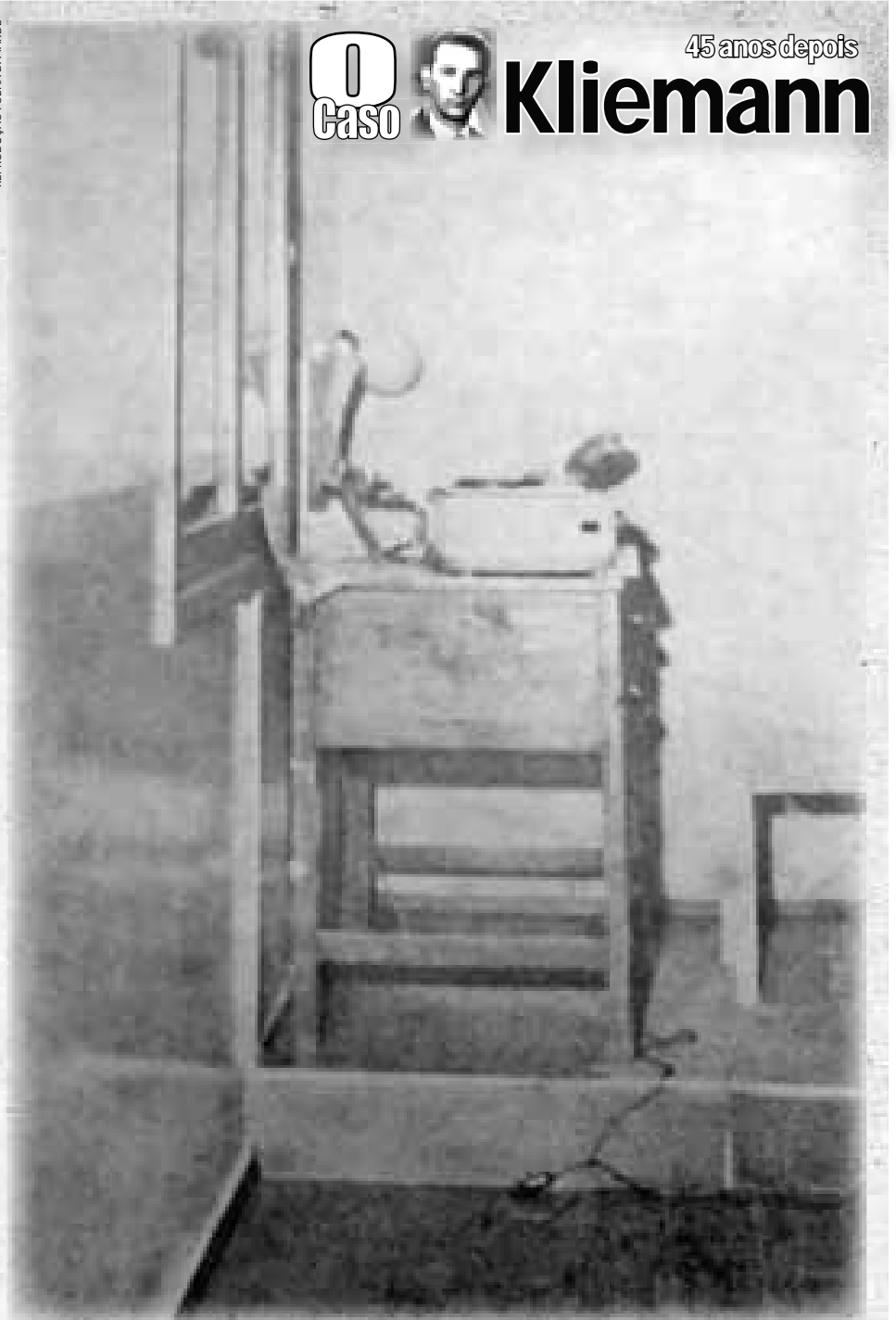
O caso



45 anos depois

Kliemann

REPRODUÇÃO FOLHA DA TARDE



Marechal estava sentado junto à mesa, onde ficava o microfone, quando Kliemann entrou

REPRODUÇÃO GAZETA DO SUL



Floriano de Azevedo Menezes entre a esposa Iracema Karan e o filho Floriano Peixoto

REPRODUÇÃO HISTÓRICO DO ESPORTE CLUBE AVENIDA NESTOR KAERCHER



Marechal no Avenida, entre Lauro Seidel e Astor Lau. Agachados: Ary Kasper e Telmo Roese

Após rendição, saída pelos fundos

No sol daquele início de tarde de 31 de agosto de 1963, funcionários da Prefeitura pintavam faixas brancas na Rua Marechal Floriano, para demarcar o espaço por onde estudantes realizariam, no dia seguinte, o desfile alusivo à Semana da Pátria. Como era costume, o dia 7 de Setembro era destinado exclusivamente à apresentação do Exército.

O trabalho é observado por um grupo de policiais, no cruzamento da Floriano com a Rua Borges de Medeiros. Uma quadra antes, na esquina com a Rua 28 de Setembro, o policial Ernestor Cardoso, então com 29 anos, controla o fluxo de veículos, interrompido devido à pintura. Na época, a fiscalização de trânsito era responsabilidade da Polícia Civil e os agentes gaúchos realizavam até mesmo a manutenção das ainda raras sinalizas. Em Santa Cruz, havia um semáforo na esquina do Quiosque e a frota era composta por 635 veículos a motor, além de incontáveis carroças.

Cardoso está concentrado na atividade quando uma caminhonete DKW Vemaguet passa por ele, invadindo a área interrompida. O som estridente do apito do guarda é ignorado pelo motorista, que freia na frente da residência do advogado Rolph Bartholomay, conhecido como Oly, já quase no cruzamento com a Borges. Conforme os jornais da época, o motorista da DKW, Arno Frantz, desce dando tiros para cima.

“Questionado pelos colegas policiais, Arno respondeu que o Marechal havia



Praça da Brigada Militar monta guarda ao lado de Marechal, já na delegacia

assassinado Kliemann e estava na casa do advogado. Nossa equipe logo isolou a residência, para evitar uma possível invasão de populares”, lembra Cardoso, cuja missão foi buscar de jipe o delegado Itamar Reis, então empenhado nas buscas ao corpo de um menino afogado no Rio Pardinho.

Embora tivesse dez anos na ocasião, o advogado Fernando Bartholomay, filho de Oly, ainda lembra da chegada de Marechal. “Meu pai não estava e minha mãe recebeu o vereador. Nem fazíamos idéia do ocorrido e, desta forma, não sentimos nenhum receio. Em pouco tempo, a polícia chegou e levou Floriano.” Os jornais da época dão conta ainda de que o próprio Marechal teria telefonado para a polícia, informando que iria se entregar na casa do advogado.

Um dos policiais que acompanhava a pintura das faixas no Centro, o escrivão

José Cláudio Winck da Silva, irmão do locutor Flávio, foi o primeiro a entrar na casa e falar com o atirador. “Marechal perguntou como estava o Euclides, rendeu-se pacificamente e me entregou o revólver. Respondi que o quadro de saúde da vítima era grave”, recorda José, hoje delegado aposentado e morador de Novo Hamburgo.

Ao notar uma aglomeração na rua principal, e temendo um possível linchamento, o escrivão resolveu conduzir o preso pelos fundos da moradia e saltar com ele um muro de um metro e meio de altura. Já na Rua Tenente Coronel Brito, rumam à delegacia, então situada na quadra onde hoje existe o Centro de Registro de Veículos, do Detran. Era o início de dias marcantes, que ficariam para sempre na memória de muita gente.

“Foi como perder um irmão”

Por mais que o veterano político tente disfarçar, é possível ver traços nítidos de tristeza no rosto de Arno Frantz quando o assunto é o assassinato de Euclides Nicolau Kliemann. Homem que prima pela elegância, fazendo questão de vestir terno para receber a imprensa em casa, o ex-prefeito prefere manter resguardados sentimentos melancólicos. Mas também não esconde o que representou a morte do amigo. “Foi como perder um irmão.”

Com idades parecidas e membros de famílias amigas, Arno e Euclides cresceram juntos. Quando meninos, costumavam passar os dias de verão às margens do Arroio Taquari Mirim, na então localidade de Linha Schwerin, hoje Linha Andrade Neves. No lugarejo, o pai de Euclides, João Nicolau, mantinha um armazém e salão de bailes que, na década de 30, foi vendido para João Frantz, pai de Arno. Na época, Nicolau também administrava uma casa comercial no Arroio Grande e a fumageira Kliemann e Cia.

Hoje, a cena do amigo caído no chão do estúdio da Rádio Santa Cruz segue tão presente na memória de Arno Frantz como no dia do histórico crime. “Jamais esquecerei a cena que vi quando abri a porta daquele estúdio. Me tornei uma testemunha ocular de um momento muito infeliz.”

A amizade com a família Kliemann era tamanha que Arno e a esposa Edeltraud – falecida em outubro do ano passado – assumiram com irmãos de Euclides a missão de criar as três filhas do deputado. As mais novas, Virgínia e Cristina, respectivamente de 13 e 9 anos, foram morar com a tia, Cacilda Margarida Tatsch, irmã do deputado – hoje com 93 anos, é a única ainda viva dentre os dez irmãos – em Porto Alegre. Suzana, de 16, mudou-se para a casa do tio, João Lauro Kliemann, também na Capital. Nos fins de semana e férias, as três se reencontravam no chalé da família, nos altos da Rua Ramiro Barcelos, onde Arno e Edeltraud passaram a viver. A residência, há dois anos, foi destruída por um incêndio.

O
Caso



45 anos depois
Kliemann



Cardoso e as recordações da época...



...incluindo retrato com a farda de policial



Frantz e a foto do amigo Euclides

REPRODUÇÃO FOLHA DA TARDE



Jornal Folha da Tarde veio da Capital e publicou até esta foto do então escrivão José Cláudio Winck, para quem Marechal se rendeu

Na próxima edição

Sepultamento de Euclides para a cidade. Temendo uma invasão, polícia isola delegacia onde está Marechal.